

Rodas e Bancos da Praça do Ferreira

Mozart Soriano Aderaldo

Não se pense que a sociedade e a intelectualidade conterrâneas se reuniam somente em Cafés, restaurantes, confeitarias e demais casas do gênero, assim como nas livrarias da terra. As esquinas e os bancos da Praça do Ferreira eram, também, pontos de reunião de pessoas representativas dos setores social e econômico, político e intelectual de Fortaleza.

O costume, aliás, nascera no Passeio Público, antes do embelezamento da Praça do Ferreira a partir da administração Guilherme Rocha, no começo do século em curso, ou mesmo antes, com a construção dos quiosques em seus quatro cantos e da escolha da Praça para ponto central dos veículos coletivos (bondes a burro, a partir de 1880, substituídos por bondes elétricos em 1913/14 e posteriormente pelos ônibus, no fim da década de 1920.

Era o Passeio Público, naquela época, o centro de convergência da sociedade fortalezense, dando-nos disso notícia o historiador Gustavo Barroso: – “Ventilado, agradável sobretudo pela manhã, à tarde e à noite, era o Passeio Público nos bons tempos passados o ponto de reunião preferido pela população fortalezense. Do porto se avistava a linha multicolor de sua iluminação festiva. Num coreto chinês, as bandas militares tocavam às quintas e domingos. A gente fina enchia a avenida Caio Prado” (alameda que, no sentido leste-oeste, se debruça sobre o segundo plano do Passeio), “cujas batalhas de *confetti* no Carnaval se tornavam famosas. A gente de menos tom freqüentava a Carapinima” (alameda do centro do Passeio, naquele mesmo sentido, ligando o prédio da 10ª Região Militar à porta principal da Santa Casa da Misericórdia). “O povo miúdo ficava na Mororó” (alameda paralela à rua João Moreira). “Separação de camadas sociais natural e espontaneamente feita. Nas tardes comuns, diante do mar, onde floriam

os lenços brancos das jangadas voltando da pescaria, à sombra das castanholeiras, havia o Banco dos Velhos, reunião de homens de prol para um bate-papo erudito, e o Banco dos Moços, no qual se juntavam estudantes de direito e jovens jornalistas. O Banco dos Velhos transferiu-se mais tarde para a Praça do Ferreira, onde se tornou famoso sob esta singela rubrica – O BANCO”. (“À Margem da História do Ceará”, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962, ps. 279 e 280, com parênteses do autor destas lembranças). Para Antônio Bezerra de Menezes, o Passeio Público era “a mais notável de todas” as praças da cidade na penúltima década do século passado. (“Descrição da Cidade de Fortaleza”, in Revista do Instituto do Ceará, 1885, p. 148.

Enquanto isto a Praça do Ferreira *hibernava*, freqüentada de dia pelos feirantes vindos de Messejana, Parangaba e Caucaia, que nela vinham vender seus produtos agrícolas, e durante todo o dia, principalmente à tardinha e à noite, pelos fregueses dos quiosques existentes nos quatro cantos do logradouro. Após os esforços do boticário Ferreira para tornar a chamada Feira Nova o polo central de Fortaleza, bem como depois da fixação dos pontos de estacionamento das linhas de bondes a burro em seu derredor, e a construção dos quiosques em seus quatro cantos a partir de 1880, foi o Prefeito Guilherme Rocha quem deu o passo decisivo no sentido de deslocar o movimento do Passeio Público para a Praça do Ferreira, com a inauguração do Jardim 7 de Setembro, no centro do quadrilátero, em 1902. Como sói acontecer, a afluência ao Passeio foi diminuindo aos poucos, à proporção que crescia a agitação na Praça do Ferreira. A construção do edifício em que passou a funcionar o Cine *Majestic*, em 1917, precedida da instalação do Cine Polytheama seis anos antes e da inauguração dos bondes elétricos em 1913/14, foi igualmente fator preponderante na já indisfarçada preferência de todos, elite e povo, pela Praça. Seria inevitável que o velho Banco do Passeio para a Praça do Ferreira se transferisse, o que de fato ocorreu em torno de 1918, já sob a denominação de “Banco da Opinião Pública” ou simplesmente “o Banco” persistindo até 1968, pois a última reforma da Praça ocorrida neste ano e no seguinte não

mais permitiria esse tipo de lazer. (Otacílio de Azevedo, "Fortaleza Descalça", Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará, 1980, p. 66).

Situava-se O BANCO quase em frente ao Cine *Majestic* e à Farmácia Pasteur, esta sucedida pela loja Binoca (nº 538 da rua Major Facundo). Quem integrava O BANCO detinha as melhores e mais altas posições sociais, econômicas ou culturais de nossa terra: o alto comerciante Antônio Diogo de Siqueira (sogro do futuro Prefeito, por duas vezes, médico César Cals, avô do futuro Governador Coronel César Cals Filho e bisavô do futuro Prefeito engenheiro César Cals Neto), João Quinderé (irmão do Pe. Quinderé, que a ele atribuiu a iniciativa da transferência de O BANCO do Passeio para a Praça), o médico Meton de Alencar, os comerciantes Vicente de Castro, Tibúrcio Targínio e José Rola, o professor Guilherme Moreira, o engenheiro João Nogueira, o cartorário Felino Barroso, tendo este último participado dessa roda e de outras até quando passou a residir com seu filho Gustavo no Rio de Janeiro, em 1924. De uma dessas fazia parte Miguel Soares, pai do ex-seminarista, meu colega no Liceu e futuro Juiz Lourival Soares e Silva, o "Frei Joaquim", assim apelidado pelo professor Martinz de Aguiar. Miguel Soares tinha a delicadeza de levar, todas as noites, Felino Barroso à sua residência na rua Major Facundo nº 170.

Porque se ausentassem do Ceará, porque a idade não mais permitisse o seu comparecimento ou porque a morte os fisesse, foram uns sendo substituídos por outros, passando a comparecer às reuniões do grupo o jornalista Demócrito Rocha, João Mac Dowell, Manuel Pombo, Adolfo Siqueira (prefeito interino da cidade, como Presidente da Câmara Municipal, em substituição a Ildefonso Albano, que assumira a Chefia do Executivo Estadual com a licença e a morte de Justiniano de Serpa), o bancário Antônio Ferreira Braga (o Braguinha, do London Bank), os futuros desembargadores Eugênio Avelar Rocha, José Pires de Carvalho e João Jorge de Pontes Vieira, os professores Luís Costa, Hermenegildo Firmeza, Raimundo Gomes de Matos e José Vítor Ferreira Nobre (os dois primeiros meus mestres de História Natu-

ral e História Universal no Liceu do Ceará, respectivamente, enquanto os dois últimos eram consagrados catedráticos da Faculdade de Direito), o banqueiro Luís Vieira (irmão de João Jorge), Joaquim Lima (irmão de Herman), o proprietário Afonso Medeiros, o assim chamado *major* Henrique Ellery e o próprio monsenhor José Quinderé ou, como toda a cidade o tratava, padre Quinderé. (Raimundo Girão, "Geografia Estética de Fortaleza", 2ª edição, Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1979, p. 195).

Com as alterações feitas na fisionomia da Praça (em 1920 e 1925 pelo Prefeito Godofredo Maciel, em 1933 pelo Prefeito Raimundo Girão e em 1959/62 pelo Prefeito Cordeiro Neto, que abriu quatro passagens para carros, duas de cada lado, com sacrifício da área do logradouro), o banco sofreu deslocamentos que muito prejudicaram o comparecimento de seus membros.

Outros bancos da Praça do Ferreira tiveram também freqüentadores certos, podendo de logo ser citado um que somente funcionava à noite. Tinha-se de imediato a impressão de que seu líder era o poeta Irineu Filho, e se compunha de gente do estofa do jornalista Perboyre e Silva, do professor Clodoaldo Pinto, do cartorário Francisco Ponte (que chegou a exercer, interinamente, a chefia do Executivo cearense), do médico Antônio Belo da Mota, do agrônomo Renato Braga, do jurista Oswaldo Aguiar, do juiz Alerano Bandeira Barros, do economista Josaphat Linhares, do mais industrial do que médico Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho (neto do Senador do mesmo nome), dos advogados Manuel Pinheiro de Sousa e Guilherme Sátiro Rabelo, do bancário Carlos Braga e do repórter Daniel Carneiro Job. (Raimundo Girão, *idem*, p. 195). E de Tibúrcio Mota, acrescento eu.

Esclarecido fique que, bem antes desses dois bancos, muito conhecidos e comentados por quantos cronistas falam da Praça, e ainda quando os quiosques permaneciam de pé (dos fins do século passado ao ano de 1920), organizaram-se outras turmas em torno dos assentos do principal logradouro da cidade, como aquele em que Otacílio de Azevedo se sentava, nas proximidades do

Café Iracema (esquina sudoeste do quadrilátero), cujas tertúlias tinham início na barbearia de João Catunda (sita em modesto prédio da rua Floriano Peixoto), prolongavam-se em um banco próximo e findavam invariavelmente em torno de uma mesa daquele restaurante. Era a Academia Rebarbativa e dela faziam parte, além de outros e do memorialista citado, Genuíno de Castro, Carlos Severo e José Gil Amora. (Obra citada, idem, p. 55).

Assim pelo começo do século fluente, outro banco se tornou famoso porque dele fez parte o jovem matuto Joaquim Pimenta, para cá vindo sob a proteção do vigário de Tauá, depois bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Melo. Veio e depois tornou-se materialista, não obstante sua origem, fazendo jus ao qualificativo de *agitador* se essa expressão já vigorasse naquele tempo. É dele mesmo o depoimento: – “Na Praça do Ferreira, quando nos reuníamos, tudo se discutia, desde a colocação de pronomes, muito em voga por influência de Cândido de Figueiredo, até política e religião” (“Retalhos do Passado”, Rio de Janeiro, Editor A. Coelho Branco F^o., 1949, p. 68). Gustavo Barroso dá-nos notícia desse “banco da Praça do Ferreira em frente da Empresa Telefônica”, abrigada esta em prédio de duas portas, com mirante, sito na rua Floriano Peixoto, entre o da Agência Alaor e o Eden Café. Eram principais companheiros de Gustavo os pintores Ramos Cotoco e Antônio Rodrigues. (“O Consulado da China”, Rio de Janeiro, Edit. Getúlio Costa, s/d, p. 264). Fala-nos ele desse mesmo banco em outro livro seu, quando depõe a respeito da atuação de Joaquim Pimenta e de outros, como Mamede Cirino, “filho do melhor sapateiro da terra”, e Oscar Pinto de Lima, “o Pinto Molhado, que morreu médico do Exército, namorando de olhos dengosos uma cadeira de Deputado Federal por obra e graça do Padre Cícero”. (“Liceu do Ceará”, Rio de Janeiro, Edit. Getúlio Costa, 1940, p. 159).

Assinaladas fiquem, igualmente, as turmas responsáveis pela circulação da revista “Fortaleza”, integrada por Mário Linhares, Genuíno de Castro, Raul Uchoa e outros; do jornal “O Demolidor”, sob a liderança de Adonias Lima; e da filha “Os Novos”, sendo estes Filgueiras Lima, Luís Ábner Moreira (depois oficial do Exér-

cito), Walder, Amadeu e Lelando Sá. Todos esses grupos tinham “cadeiras cativas” em bancos da Praça.

Mais ambulante do que sedentário, mas assim mesmo como seu banco preferido, era Artur Sampaio, filho do Delegado Sampaio e irmão do Dr. Pedro Sampaio. Funcionário dos Telégrafos e solteirão impenitente, em volta dele voejavam alguns rapazes da terra, fruindo sua apimentada verve. Eram eles: Hugo de Gouveia Soares Pereira (colega meu desde o curso do professor Martins de Aguiar, em que nos preparávamos para ingressar no Liceu, e igualmente contemporâneo meu neste estabelecimento de ensino secundário, na Faculdade de Direito e no Tribunal de Contas do Estado), Geraldo Lira Aguiar (colega de folgedos na praça do Carmo), Iran Benevides, José Perales Aires, José Milton Dias (mais tarde meu consócio na Academia Cearense de Letras), Hermano Frank, Stélio e Hugo Lopes de Mendonça, Francisco e João Aguiar Ximenes, Otacílio Colares (colega de Academia e compadre meu), Gentil Melo, José Newton Barbosa, Francisco das Chagas Cruz, Lucívio Rocha e outros, muitos outros, pois esse grupo variava conforme o horário (matinal, vespertino ou noturno), a ele aderindo Francisco José Novais, Antônio Drummond Filho, Aluizio Medeiros, João Clímaco Bezerra, Américo Barreira, José Bonifácio Câmara, Manuel Albano Amora (compadre e consócio meu na Academia), Ernesto Pedro dos Santos, Mileno Silva The´, meu colega de Academia e compadre Antônio Girão Barroso, Álvaro Lins Cavalcante, Edvar Teixeira Férrer, Paulo Botelho, Gregório Calou, Renê Dreyfus, Waldery Uchoa, Wilson e Walter Fontenele, Wagner e Turbay Barreira, além deste cronista, que a integrava vez por outra. Para que se tenha idéia quanto possível exata da personalidade de Artur Sampaio, recordemos dois dos muitos episódios ocorridos na roda. Certa vez, um dos nossos, moreno carregado, perguntou “inocentemente” qual a idade de Sampaio, calcanhar de Aquiles dessa interessantíssima personalidade de nossas rodas da Praça nas décadas de 1930 a 1950. A reação foi imediata: Sampaio quase lhe deu as costas, resmungando alguma coisa, vezo muito seu. Pouco tempo após, o malicioso companheiro, que se achava calçado mas sem meias, ofereceu-lhe o es-

perado ensejo para a resposta cabal, cruzando um perna sobre a outra e pondo à mostra sua pele morena. Sampaio não perdeu tempo e indagou onde o malicioso havia comprado aquelas meias pretas... Doutra feita, um dos freqüentadores da roda, observando que, a respeito de cada um que se ausentava, Sampaio sempre dizia algo negativo, resolveu sair por último, pensando livrar-se assim de comentários assemelhados. Qual não foi a sua surpresa quando, depois de despedir-se de Sampaio, que ficara sozinho, olhou tranqüilamente para trás e viu que o temido companheiro o estava saudando com as "armas de São Francisco"... Dessa curiosíssima personalidade nos deixou sua forte impressão o primoroso cronista Milton Dias, em artigo publicado em "O Povo" de 11 de julho de 1982, dias após o brutal desastre aviatório em que perdeu a vida seu jovem irmão Batista, que viajava para assistir o enterro de uma cunhada de ambos. Sampaio muito tempo antes, amargurado com a morte de sua mãe, confessara a Milton que "a alegria dos outros o ofendia, que o riso alheio lhe feria fundo, que o aspecto de felicidade que descobria de repente numa pessoa qualquer, amiga ou desconhecida, lhe promovia uma revolta enorme. Tinha ganas de sair atirando, proibindo as manifestações de bem-estar, que lhe pareciam um acinte à sua dor. Era um homem sozinho, que escondia sua tristeza, sua solidão, seus preconceitos e frustrações na conversa inteligente, cheia de pilhérias que não poupavam ninguém e que depois se distribuíam um pouco por toda parte – um homem que eu conheci já na meia-idade, espirituoso, irreverente, cáustico, um solteirão que toda noite fazia rir seu grupo de ouvintes atentos. Isto ao tempo em que a Praça do Ferreira era o ponto de encontro obrigatório – e ali, sentado naqueles bancos anatômicos de saudosa memória, ele pontificava, balançando uma perna cruzada sobre a outra, vestido num branco impecável, um anel de brilhante no dedo mínimo, o olhar travesso por trás dos óculos, o riso matreiro. (...) Ele era um homem sofrido, viajado (quem sabe, algumas vezes humilhado pela vida), fazendo questão, no entanto, de parecer muito seguro de si, muito triunfante, falando de um passado social animado, de festas esplêndidas da alta sociedade em que brilhara, nos grandes bailes, nos blocos de carnaval, na elegância,

nas conquistas, nas fofocas dos tempos de dantes. Era esta a sua glória maior”. Milton, ainda não ferido pelos espinhos da vida, “um menino que ainda não trazia no corpo e na alma as marcas do tempo”, haveria de estranhar aquela atitude francamente niilista de Sampaio. “Daí meu choque (escreveu ele) diante daquela afirmação que me pareceu egoísta, do homem idoso, andado, amputado de muitas pessoas de seu bem-querer, marcado pela convivência com o sofrimento e com a morte, homem que escondia heroicamente as suas depressões, que tinha pudor das suas angústias, que não confessava fracassos nem desgraças, incapaz de fazer alusão até mesmo às dificuldades financeiras, guardando uma constante de orgulhosa dignidade. Falava muito dos outros e pouco de si”. A confissão necessariamente pareceria mesquinha, exagerada, e causaria surpresa. “Muito tempo foi preciso até que o entendesse” – confessou Milton, afinal, ao embalo da dupla tragédia que levou a cunhada ainda jovem e o irmão cheio de vida que vinha confortar o outro irmão.

Concomitantemente com a roda (ou as rodas) de Artur Sampaio, reuniam-se em outro local alguns rapazes, muitos deles oriundos de Redenção e de Limoeiro. A preferência recaiu, a princípio, na alameda próxima da esquina das ruas Major Facundo e Guilherme Rocha, formada pela calçada existente entre o meio-fio limitativo da Praça e uma das passagens de carro abertas com sacrifício do espaço do logradouro, e por isso por eles chamada de Ponta-Porã, Território Federal criado pelo Estado Novo e depois extinto pela Constituição de 1946. Não havia banco, mas era como se houvesse. Lembro-me bem dos irmãos Vieira (Francisco, conhecido depois por “Senador”, Antônio, já falecido, e o Dr. José Moura, futuro advogado); os irmãos Nascimento (Geraldão, Bibiano e César, filhos de Waldemar, ex-Prefeito de Redenção, todos emigrados para o Rio de Janeiro); os irmãos Camarão (Roberto, depois comerciante, e Fernando, futuro advogado); os irmãos Oliveira (José Filho e Antônio, o Nozinho); e mais Tarcízio de Oliveira Lima (alto funcionário da Previdência Federal), Lúcio Bonfim, Helano Montenegro (hoje corretor de imóveis), Antônio Emérico de Sousa (depois advogado), o futuro empresário Osmar

Pontes, Otacílio Rodrigues (o Tota), Pedro Rogério de Aguiar Filho (aviador civil, hoje em São Paulo), Antônio da Silva Benevides, José Leonardo Caminha, Alexandre Cavalcante (o "Coronel"), e Pedro Moreira de Queirós (futuro dono da Petrojóias, estabelecida na rua Perboyre e Silva nº 186). Eu também freqüentei essa roda que, posteriormente, se fixou em um dos bancos da Praça, precisamente o que se situava ao pé da Coluna da Hora, em sua face oeste, olhando para a Farmácia Pasteur e o Cine *Majestic*. Como igualmente freqüentei outras: a do Grupo Clã, a de líderes católicos (especialmente confrades vicentinos), a liderada por José Elias Bachá e Renê Dreyfus, a de Moisés da Joana D'Arc, a do bondoso capitalista José Manassés Pontes, e a do Dr. Rafael de Codes Y Sandoval e Sebastião Arruda Boto, que foi a que mais resistiu, ainda hoje se reunindo ao lado do Cine São Luís, embora desfalcada.

Não me seria lícito, por excessiva ou falsa modéstia, deixar de por em seu devido e alto lugar os freqüentadores do banco em que se sentavam os membros do futuro Grupo Clã, de grande e prolongada repercussão cultural no Ceará, o maior dos últimos tempos, sem qualquer dúvida. Compunham-no Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros, João Clímaco Bezerra. Stênio de Lucena Lopes, Otacílio Colares, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos e eu. Esse banco da Praça foi, quando o grupo cresceu, substituído pelas cadeiras e mesas do Eden Café, estabelecido na face leste do lagradouro. Prestigiavam-no os "mais velhos" Martins Filho, Joaquim Alves e Braga Montenegro, e admiravam-no os "novinhos" Eliardo Farias, Durval Aires, Jairo Martins Bastos e Germano Pontes. Como já nos foi dado dizer, esse grupo, com o fechamento do Eden em 1948, emigrou para o Café do Comércio em sua terceira fase (rua Major Facundo nº 418).

Já nos foi oferecida a oportunidade de dizer que havia um banco na Praça freqüentado pela jovem liderança católica da terra, especialmente "vicentinos". Situava-se também em frente ao prédio da antiga Empresa Telefônica e seus freqüentadores se deixaram fotografar para a posteridade. Essa fotografia, divulgada por Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) em "O Povo", mereceu

reparos de minha parte, motivo pelo qual foi reproduzida depois. Lá se vêem Florêncio Coelho de Holanda (comerciantes de couros), Luís Augusto Caracas (bacharel em Direito), José Moacir Teles (economista e bancário), Francisco Gentil Nogueira (comerciante e funcionário da Ceará Gás Butano), Itamar Santiago Espíndola (advogado e filólogo), Francisco de Assis de Arruda Furtado (advogado e escritor), José Eymard de Arruda Furtado (bacharel em Direito e bancário), José Vicente Ferreira, o Cazuzu (santo homem e sapaiteiro com oficina em casinha da rua do Pocinho, lado sul; derruída para a organização de um estacionamento de automóveis e posterior construção de mais outro edifício do grupo Clóvis Rolim, tal como ocorreu com as demais de sua vizinhança), Manuel Aquino dos Santos (dono da Tipografia Santos, sita na rua Floriano Peixoto, lado de números ímpares, em prédio desaparecido para o local levantar-se a Casa do Jornalista, e líder trabalhista, tendo sido Presidente da Legião Cearense do Trabalho), Ubirajara Borges (comerciante e pai do comunicador Augusto Borges e do Cel. Uirandé Borges), Leandro Pimenta Lira (jornalista e estatístico), o cronista que escreve estas relembrações, além de outros.

Quanto à roda composta e liderada pelo então jovens José Elias Bachá e Renê Dreyfus, nela se discutia tudo, inclusive atividades esportivas, em que a maioria era “vidrada”, vibrando cada um por seu clube de adesão. Bachá – é claro – torcia pelo “Ceará”, do qual viria a ser dinâmico Presidente. A roda se reunia a princípio em torno de mesa do Café Globo e depois se deslocava para um banco da Praça, integrando-a ainda Lívio Bessa Noronha (meu colega de turma no Liceu do Ceará), José Pompeu Gomes de Matos (filho do professor Gomes de Matos), Ivan Paraíba (filho do juiz Hermes Paraíba, que me casaria no civil e seria alçado e desembargador), José Maria Catunda (alto funcionário da Secretaria de Polícia e Segurança Pública), Edilberto Góis Ferreira (dono do referido Café) e mais José Weyne, Clóvis Holanda e Francisco Cordeiro. Eu, às vezes, adejava em torno dela, bem como o então jovem Tarcício de Oliveira Lima, Secretário do Ceará Sporting Club no período em que meu irmão Tarciso foi presidente dessa agremiação esportiva (1948).

Em banco fronteiriço à Livraria Alaor sentavam-se alguns estudantes que exploravam a ingenuidade de um rapaz de boa família, costumeiro em dar definições estapafúrdias acerca de tudo, inclusive sobre Deus, que, para ele, era “um invertebrado gasoso, semi-nuvem e semi-além”. Refiro-me a Moisés Leitão, irmão do dono da mercearia Joana D’Arc e que, por isso, era conhecido como Moisés da Joana D’Arc. Eram integrantes dessa roda Américo Barreira (que viria a ser Vice-Presidente de Fortaleza), Wagner Barreira (que se tornaria brilhante professor da Faculdade de Direito e grande advogado) e o próprio Alaor (filho do dono do estabelecimento em frente e seu atual proprietário). Visceralmente irônicos, os componentes dessa turma quase tornam insano o Moisés da Joana D’Arc, tão constantes eram as instigações, as pilhérias, os trocadilhos e os comentários que faziam a respeito de tudo e de todos, especialmente de sua “vítima” predileta.

Não propriamente na Praça, mas nas suas imediações reunia-se outro grupo, cujo decano era o bondoso patriarca José Manassés Pontes, pai do juiz Osmundo Pontes e meu antigo vizinho de frente na rua Barão do Rio Branco. “Gente fina”, como se diz, haveria Manassés de aglutinar em seu derredor uma plêiade de amigos, tendo como polo a Farmácia Santa Helena (rua Guilherme Rocha nº 167), de Nilo Mendes, seu conterrâneo de Massapê, local da atual Farmácia Confiança. Compunham esse grupo, que vez por outra se deslocava até a praça para uma rodada de cafezinho, Geraldo Lira Aguiar (representante do Laboratório Piam e, depois, alto funcionário da Assembléia Legislativa e do Conselho de Contas dos Municípios), Valdevino Castelo (gerente da Ródia no Ceará e um dos espíritos mais pilhéricos que conheci na vida), José do Nascimento (procurador da Fazenda Estadual), Severino César (também agente de laboratório farmacêutico do sul do país no Ceará e genro do Dr. João Saraiva Leão), o Dr. Luís Rolim da Nóbrega (juiz aposentado e pai de José Rolim da Nóbrega, fraterno colega meu no Liceu do Ceará e pela vida afora), meu irmão Aluísio (médico pediatra e professor da Faculdade de Medicina do Ceará), Joaquim Morizé de Andrade (depois Conselheiro do

Conselho de Contas dos Municípios) e eu, além de outros menos assíduos.

Não em banco, mas na porta da Farmácia Pasteur, com deslocamentos invariáveis ao escritório da empresa, ao andar superior do prédio, pra fruição de gostoso cafezinho, reuniam-se, também, figuras da mais alta projeção político-social, como o Governador Raul Barbosa, O Ministro do T. C. Eduardo Ellery Barreira, o advogado Josias Correia Barbosa e os sócios da firma Moacir Bezerra, Raimundo Freitas Ramos e João Moisés Ferreira, além de outros.

Relativamente à ultima roda, que resiste (1987) à descaracterização da velha Praça do Ferreira, era primeiramente constituída pelo Dr. Rafael de Codes Y Sandoval e por Humberto Patrício Ribeiro, o futuro governador Paulo Sarasate Ferreira Lopes, José Marinho (corretor), João Campos (do cartório João de Deus e tio de Luís Campos), Dr. Vinícius Ribeiro (advogado), José Denizard Macedo de Alcântara (professor), Dr. Turbay Barreira, Dr. Carlos Ramos (que seria desembargador no Rio de Janeiro), General Carlos Cordeiro, General Dr. Carlos Studart Filho, desembargador Eugênio de Avelar Rocha, engenheiro Hugo Rocha (da Rede de Viação Cearense), Abraão Romcy, Pedro Riquet e Omar dos Martins Coelho, todos falecidos, e mais Sebastião Arruda Boto (outro líder do grupo), Edgar Patrício Ribeiro, Dr. Elcias Viana Camurça, o jornalista Stênio Azevedo, o professor Geraldo da Silva Nobre, Samuel Tabosa (gerente da Empresa Ribeiro no Ceará), Lourival Pereira (irmão do deputado Horácio Pereira), Jaime Leite (dono da "Casa de Borracha"), Francisco Ferreira Costa (Costinha, alto funcionário aposentado do Banco do Brasil, ex-Diretor do Banco Central no Ceará e membro do Conselho Fiscal do Banco do Nordeste do Brasil e do Banco do Estado do Ceará, mercê de seu dotes de inteligência e preparo, e cunhado de meu irmão Aluísio), o Acadêmico João Jacques Ferreira Lopes, Alfredo Moreno (antigo co-proprietário do Eden Café), Antônio Braga, Jaime Cavalcante, Jaime Ferreira, Nelson Caracas, Sílvio Braga e mais alguns, todos vivos, graças a Deus. Eu, por vezes, ando

por lá, fruindo a gostosa prosa desses recalcitrantes, que resistem à massificação da Praça, conseqüente de sua última reforma (1968/69), pois hoje, não dispondo de um cômodo banco de madeira no logradouro, seus membros se reúnem, mesmo em pé, no início (lado leste) da galeria do Edifício São Luís, pela manhã e principalmente à tarde.

Que eu não peque por omissão, deixando de registrar a existência de nova roda que teima em formar-se na Praça, em frente ao Cine São Luís, de pé, na proximidade de uma de suas duas bilheteiras, a do lado norte do prédio. Compõe-se de funcionários aposentados do Bando do Brasil e do Banco do Nordeste do Brasil, dentre os quais distingo meus amigos Tomás Pompeu Gomes de Matos, José Osmar Nobre e Francisco Ferreira Costa (Costinha), integrante também da roda anteriormente referida. E ainda o professor de direito Alcimor Aguiar Rocha e os bancários José Ícaro Loureiro Maia, Mauro Rodrigues Oliveira, Airton Saboia Valente e Geraldo Coelho de Sousa.

Os bancos da Praça não serviam apenas para aglutinar grupos mais ou menos homogêneos. Eram, por vezes, tribunas improvisadas para oradores de todas as colorações políticas, até que o Prefeito Godofredo Maciel construiu, em 1925, o afamado "Coreto", de vida efêmera, pois já em 1933 o Prefeito Raimundo Girão o derribaria, para substituí-lo (não no seu exato local) pela também já desaparecida Coluna da Hora.

Se podemos classificar de mais românticas a praça da Lagoinha, se a Castro Carreira sempre mereceu a preferência de tipos exóticos e malandros, se as praças do Coração de Jesus, do Carmo e do Patrocínio notabilizavam-se pelos novenários, a do Ferreira foi, durante muitas décadas, "o centro de atração de intelectuais, políticos e comerciantes, que debateram a crise brasileira". De zona a princípio residencial (não esquecer que o boticário Ferreira tinha nela, como outros, o seu estabelecimento comercial, mas nela também residiam eles), passou a estritamente comercial e política, social e cultural. E nesta metamorfose seus quiosques, Cafés, casas de

pasto, livrarias, cinemas e bancos exerceram papel preponderante. (Abelardo Montenegro, idem, p. 42).

Tem sido ela, desde o tempo em que disputou e ganhou do Passeio Público a condição de coração da cidade, a sede do *Ceará Moleque*, de saudosíssima memória, quase inexistente hoje com a influência massificadora dos programas importados de televisão.